

## Como ouvir o *Evangelho da realidade*

Matheus da Silva Bernardes<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma queixa constante dos agentes de diversas pastorais é o excesso de subsídios e documentos que os organismos eclesiais elaboram impossibilitando sua devida assimilação. Quando uma equipe pastoral consegue ler e compreender um documento, ele está já ultrapassado porque há um novo para substituí-lo. Por outro lado, os documentos – muitas vezes elaborados por especialistas competentes – repetem quase à exaustão a ideia de que todo projeto pastoral parte da *realidade* e a ela retorna como resposta aos desafios que se apresentam. Diante dessa situação, surge uma suspeita: se os documentos são tão próximos da *realidade*, eles não deveriam gerar a queixa citada. Mas geram, por quê? Este breve trabalho pretende investigar se a relação *realidade* e Pastoral é devidamente observada ou, mais especificamente, quais seriam os pressupostos que permitem aos organismos eclesiais e pastorais ouvir o *Evangelho da realidade* e dar respostas adequadas aos reptos que ela suscita. A base teórica para a investigação será a Filosofia realista de X. Zubiri e o estudo do método teológico de J. Sobrino, no qual a Teologia é entendida como *intellectus amoris* e cujo princípio é o *princípio-misericórdia, re-ação* diante do sofrimento e das dores da *realidade*.

**Palavras-chave:** Pastoral. Realidade. Misericórdia

**Abstract:** A constant complaint of pastoral agents is the quantity of papers and documents ecclesial organisms write and public, sometimes turning hard to assimilate all of them. When a pastoral team has read and understood a document, it is already obsolete because there is a new one to substitute it. On the other hand, the documents – usually written by qualified specialists – repeat *ad infinitum* the idea that a pastoral project starts from the *reality* and comes back as an answer to the challenges which this *reality* presents. In face of this situation, there is a suspicion: if all those documents are so close to *reality*, they should not rise the complaint. But they do, why? This brief paper intends to investigate whether the relationship between *reality* and pastoral has being seriously watched or, more specifically, which perspectives would be those that enable ecclesial and pastoral organisms to listen to the *Gospel of reality* and to give proper answers to the challenges risen by it. The theoretical basis to this research will be the X. Zubiri's Realist Philosophy and J. Sobrino's study on theological method, in which Theology is comprehended as *intellectus amoris* and its principle is the *mercy-principle, re-action* to the sorrows and pain of *reality*.

**Key-words:** Pastoral. Reality. Mercy.

<sup>1</sup> Presbítero da Arquidiocese de Campinas; graduado em Teologia pela PUC-Chile, mestre em Teologia Sistemática pela antiga Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (hoje, Faculdade de Teologia da PUC-SP), especialista em Teologia Pastoral de Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e doutorando em Teologia Sistemática na mesma instituição. Atualmente, é professor da PUC-Campinas e membro dos grupos de pesquisa Teologia e Pastoral (FAJE) e Teologia Litúrgica e Inteligência Senciente (PUC-SP). E-mail: [matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br](mailto:matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## INTRODUÇÃO

Não são poucos os documentos destinados à ação pastoral da Igreja. Começando pelos documentos pontifícios, que muitas vezes inspiram a reflexão, as e os agentes de pastoral têm que se enfrentar com um sem-fim de publicações: diretrizes gerais publicadas pelas conferências episcopais, diretrizes específicas e planos de pastoral publicados pelas dioceses, diretórios de catequese, sobre a celebração dos sacramentos e a liturgia também publicados pelas dioceses e províncias eclesiais, planos de ação pastoral das paróquias, documentos próprios da ação de uma pastoral concreta, enfim documentos e mais documentos.

A primeira pergunta que podemos – e devemos! – nos fazer é se as e os agentes de pastoral leem essas páginas todas. Mas, se não estão lendo, também podemos – e, novamente, devemos! – nos perguntar por que não as leem. É fato que a quantidade de material é muito grande, mas também é fato que muitos desses documentos todos não refletem a *realidade* de nossas comunidades. Não são poucas as vezes que as comunidades têm que se adaptar aos documentos e não vice-versa, isto é, os documentos às comunidades. Não pretendemos questionar o valor dos documentos, mas nos perguntarmos até que ponto o papel reflete a *realidade*.

Para conhecer a *realidade* é preciso apreendê-la, como afirma X. Zubiri, filósofo contemporâneo espanhol. Não se trata da elaboração de uma *teoria* sobre a *realidade*, mas de sua mera apreensão pela inteligência senciente. Não é pretensão nossa elaborar uma síntese do pensamento do autor, somente mostrar que mediante o processo de apreensão da *realidade*, o racionalismo, que tanto marca muitos projetos eclesiais, e a ideologia, que voltou à pauta no começo do século XXI transvestida pelo tradicionalismo e pelo moralismo, ficam de fora.

Outrossim, é fundamental destacar a centralidade do compromisso com a *realidade* na ação pastoral. Tal compromisso se manifesta pela *práxis* que, antes de ser um momento de transformação da *realidade*, é sua própria apreensão. J. Sobrino, teólogo espanhol, mas há anos radicado em El Salvador, portanto um expoente da Teologia latino-americana da Libertação, resgata um pensamento de I. Ellacuría, que por sua vez reflete muito bem a ideia zubiriana de *práxis*, para expressar o compromisso com a *realidade*: Se conoce la realidad cuando además de hacerse cargo de ella (momento noético) y de cagar con ella (momento ético), uno se encarga de ella (momento práxico). (SOBRINO, 1989, p. 292)

Contudo, é preciso que nos perguntemos sobre qual *realidade* estamos falando. Não é outra que o Reino de Deus entendido como “de Deus”, isto é, a totalidade de Deus revelada por e em Jesus, e como “reino” ou “reinado”, isto é, como unidade estrutural histórica. Esse entendimento da *realidade* como Reino de Deus, porém, se dá em sua unidade intrínseca que supera as tendências dualistas e monistas muitas vezes presentes tanto na Teologia, como na Pastoral (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 101).

O *momento real* de toda ação pastoral, ou como o chamamos neste trabalho a escuta do *Evangelho da realidade*, conduz sua transformação, antes, contudo, transformando aquelas e

aqueles que se comprometem com ela. Essa é a tese sobriniana do *intellectus amoris*, ou seja, não se trata somente de uma transformação da *realidade* mediante a aplicação de uma teoria, mas sobretudo da transformação da inteligência – e do ser humano – pela *realidade*.

Se queremos propor uma ação pastoral que seja resposta autêntica para os desafios impostos pela *realidade*, especialmente por uma *realidade* sofrida e marcada pela pobreza e pela exclusão como a que temos diante de nossos olhos no século XXI, não podemos, sequer, imaginar uma ação que não contemple a *misericórdia*, compreendida como *re-ação* primeira e última diante dos sofrimentos e das dores da *realidade*.

## 1 A APREENSÃO DA REALIDADE

Estamos partindo do fato de que a apreensão da *realidade* pela inteligência senciente é decisiva para toda ação pastoral. Mas em que consiste essa apreensão? Inclusive mais, o que é a inteligência senciente? Não é possível apresentar em pouquíssimas páginas todo o estudo que X. Zubiri realizou, sobretudo na *Trilogia da inteligência senciente*, contudo nos esforçaremos para apresentar brevemente suas teses centrais.

Em primeiro lugar, temos que afirmar que sentir e inteligir são dois momentos do único ato de apreensão da *realidade*. Não se trata de uma teoria, como aponta o filósofo espanhol, é meramente um fato. O sentir é determinado, por ele, como um processo que integra unitariamente três momentos: a suscitação, a modificação do *tonus* vital e a resposta. A apreensão sensível é formalmente uma apreensão impressiva, isto é, no ato de sentir aquilo que sentimos deixa uma impressão no senciente (ZUBIRI, 2011a, p. 13-20).

Na impressão, também é possível distinguir três momentos: o momento de afecção, o momento de alteridade e o momento da força de imposição (ZUBIRI, 2011a, p. 20-22). Vale a pena se deter no segundo momento, porque dele nasce uma noção central: a nota. No momento de alteridade da impressão, o que se torna presente no senciente são as notas de algo. Essas notas ficam no senciente independentes dele, se autonomizam, mas não fora da impressão, elas se autonomizam na própria impressão.

Trata-se de uma autonomia que não é idêntica ao conteúdo, o que o X. Zubiri chama de formalidade (ZUBIRI, 2011a, p. 24). O sentir humano consiste em apreender impressivamente algo que fica na impressão como real (em próprio ou *de suyo*, segundo o autor). A apreensão de algo com essa formalidade é chamada de inteleccção ou apreensão intelectual. Podemos dizer, portanto, que o ser humano possui uma inteligência senciente ou um sentir intelectual.

Inteligir é um mero ato de apreensão do real enquanto real, é mera atualização do real na inteligência senciente. A partir dessa atualização, podemos afirmar que a *realidade* é anterior ao sentido; toda atribuição de sentido é possível precisamente porque as coisas são reais. Nesse extrato fundamental, que o autor chama de apreensão primordial de realidade, a verdade não é simplesmente lógica, isto é, do conhecimento, mas do apreendido enquanto

apreendido. Mas tampouco se trata da verdade ontológica que é medida pelo conceito. A *realidade* é a própria medida da verdade.

Mas o que é a realidade? X. Zubiri nos responde:

Realidade é, antes de tudo, como dissemos diversas vezes, uma formalidade de alteridade do apreendido sencientemente. E este momento consiste em que o apreendido fica na apreensão como algo “em próprio”, algo “*de suyo*”. (ZUBIRI, 2011a, p. 138)

Dessa afirmação, nasce uma conclusão fundamental quando pretendemos apreender a realidade: a formalidade de *realidade* não conduz à formulação de uma comunidade entre sujeito e objeto, mas a uma comunicação da própria *realidade* (a *realidade* se dá); ao mesmo tempo, essa formalidade não se encerra em uma única relação com o senciente. A formalidade de *realidade* é respectiva, isto é, a respectividade da *realidade* é entendida como pura abertura desvinculada de conteúdo específico.

A primeira atualização da *realidade* à inteligência senciente se dá na apreensão primordial de *realidade*, mas ainda há atualizações ulteriores: o logos e a razão. O filósofo espanhol postula um logos senciente que supera a dicotomia que separa a linguagem da *realidade*. X. Zubiri propõe um logos aberto, precário e histórico, que articula a *realidade* em campo. Não se trata do logos que nasce determinado pela linguagem humana, mas um logos que sempre se abre dada a riqueza inesgotável da *realidade*. Nesse sentido, é possível entender que a *realidade*, de fato, não é, mas sempre está sendo (ZUBIRI, 2011b, p. 37).

Por fim, dentro da apreensão da *realidade* também está a marcha, isto é, entender em marcha, buscar a *realidade* em sua profundidade. Trata-se de uma busca aberta, uma busca dentro da inesgotável riqueza da *realidade* (ZUBIRI, 2011c, 14-15). Entretanto, a razão, isto é, o terceiro modo de atualização da *realidade* à inteligência senciente, é frágil – assim como o logos, porque a verdade da *realidade* não está na razão, mas na própria *realidade* o que se converte em um repto para que o ser humano sempre se lance nessa busca. Não é a razão que se impõe sobre a *realidade*, mas a *realidade*, com sua verdade, que se impõe sobre a razão.

## 2 O COMPROMISSO COM A REALIDADE

Precisamente porque a *realidade* se impõe (a força de imposição do real), surge a pergunta pelo compromisso com a *realidade* concreta que temos diante de nós. A Teologia latino-americana da Libertação, por seu compromisso com a *realidade* histórica, se mostra como caminho possível para esse compromisso.

Assumir a *realidade* histórica e a elevá-la a conceito teológico foi é a tarefa mais típica das teólogas e dos teólogos latino-americanos. Contudo, é preciso determinar qual âmbito da *realidade* quer se conhecer para teo-logizar a partir dele (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 99). O centro desse processo não deve estar na ideia de *realidade*, como já mencionamos acima, mas

na *realidade* em si nas mediações históricas que permitam a ação dessa *realidade*. Não se trata de um ativismo, mas da simples afirmação de que mediante a *práxis* a *realidade* é apreendida.

A *realidade* primordial à qual a Teologia latino-americana da Libertação está referida é a de Deus, contudo não se trata de “Deus sem mais”, mas do “Deus que se faz presente na história” (ELLACURÍA, 2000, p. 212). O compromisso com a *realidade*, portanto, é compromisso com o Reino de Deus entendido como elemento constitutivo e determinante (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 144); é a *realidade* do Reino de Deus que se impõe e nos lança à *práxis*.

Não trata, contudo, de uma *práxis* distinta à realização do Reino; realização que acontece, em primeiro lugar, entre os pobres deste mundo. Eles não são entendidos como tema fundamental ou base de argumentos, mas como lugar social da Teologia da Libertação (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 145). O Reino de Deus é um realidade histórico-social referida aos pobres, como o Antigo e o Novo Testamento comprovam; entre eles, o Reino de Deus se realiza. Eles são seus destinatários privilegiados e aos quais toda ação pastoral deve estar a serviço.

O compromisso com a *realidade* entendido como realização do Reino de Deus e *práxis* entre os pobres do mundo impede toda forma de ideologização da ação pastoral. Comprometer-se com os pobres é um momento decisivo para a formulação de plano de ação. Isso somente é possível porque *práxis* e teoria são concebidas em uma relação unitária; são dois momentos distintos, porém não separados.

Isso só é possível porque o ponto de partida, isto é, a apreensão da *realidade* não se dá dentro do processo dualista da tradição aristotélica-tomista, que tanto marcou a Teologia e a Igreja no ocidente. A teoria não é um momento separado da *práxis*: a teoria brota da *práxis* e não ao contrário, como normalmente se apresenta. Para conhecer a *realidade* é preciso se comprometer com ela, querer decididamente transformá-la.

Nesse sentido, para ouvir o *Evangelho da realidade*, segundo as ideias de I. Ellacuría, para conhecê-la (momento noético) devemos perceber a responsabilidade que temos para com ela (momento ético) mas, sobretudo, assumir essa responsabilidade (momento prático). A *práxis* não é concebida como momento segundo de uma teoria, mas como berço da teoria.

A realização do Reino de Deus, a *práxis* entre os pobres do mundo não nasce a partir uma análise da *realidade*, mas nasce de sua própria *realidade*. Ouvir o *Evangelho da realidade* significa, portanto, estar dentro do horizonte prático, mas não como mero compromisso social ou político das e dos agentes de pastoral; é verdadeiro compromisso teológico com a *realidade*.

### 3 A TRANSFORMAÇÃO PELA REALIDADE E DA REALIDADE

Há, contudo, um quarto momento na apreensão da realidade: ser carregado pela realidade (*dejarse cargar por la realidad*). A *realidade* do Reino de Deus oferece graça, concede

novo olhar para ver, novas mãos para trabalhar, costas para suportar e carregar o peso da cruz (SOBRINO, 2008, p. 18-19); mas, sobretudo, permite *esperar contra toda esperança* (Rm 4,18).

Na *realidade* primordial que inspira a ação pastoral, isto é, na realização do Reino de Deus entre os pobres do mundo, há graça estrutural. Eles, como o Servo sofredor (Is 53,11-12), oferecem luz, esperança e amor capaz de humanizar; como em Jesus crucificado, nos pobres do mundo está a sabedoria de Deus (1Cor 1,24). Virar as costas para os pobres do mundo é negar *realidade* e se tornar incapaz de contemplar a verdade, o que o Apóstolo chama de pecado fundamental (Rm 1,18). Os pobres do mundo iluminam os povos com a verdade e se convertem em graça que permite a apreensão da *realidade* mais profunda (SOBRINO, 1994, p. 128).

Essa luz da verdade se torna força de transformação. Os pobres do mundo não são resultado do acaso: se há pobreza e miséria, há pecado e injustiça. Entretanto, sobre tanto pecado e injustiça, está a possibilidade de transformação e conversão: conversão à *realidade* de Deus e à *realidade* mais profunda do ser humano. Os pobres se tornam, portanto, portadores do *Evangelho* para todos as nações.

J. Sobrino ao refletir sobre o grande potencial evangelizador dos pobres afirma que oferecem:

comunidade, contra o individualismo; singeleza, contra a opressão; serviçalidade, contra o egoísmo; criatividade, contra o mimetismo imposto; celebração, contra a mera diversão; abertura à transcendência, contra o pragmatismo... (SOBRINO, 1994, p. 130)

Neles encontramos a graça da entrega, do amor, do martírio. Estar entre os pobres do mundo é um grande compromisso com a *realidade* divina e humana (SOBRINO, 1994, p. 130). A *realidade* primordial, portanto, transforma toda aquela, todo aquele que dela se aproxima. A ação pastoral não é pautada, em primeiro lugar, pela transformação da *realidade*, mas por deixar-se transformar por ela; Deus mesmo se deixou transformar pela *realidade* de seu povo quando veio a seu encontro por ter ouvido seu clamor (Ex 3,7-8).

A “pobreza em massa, cruel, injusta, estrutural e duradoura” (SOBRINO, 1994, p. 49) não é optativa para a Pastoral; trata-se da *palavra de realidade* à qual se deve ouvir atentamente (PUEBLA, n. 89). Essa *realidade* primordial desencadeia uma *teo-práxis*: é preciso fazer algo. A *realidade* exige descentramento, exige *re-ação*, que, diante do sofrimento dos pobres do mundo, se chama misericórdia. Não nos referimos a uma misericórdia entendida como mero sentimento religioso, mas compreendida como interiorização da *realidade* sofredora.

A misericórdia é a primeira motivação para a *práxis* como a Revelação comprova: Deus é movido por misericórdia para libertar o seu povo da escravidão, Jesus faz milagres por misericórdia (Mc 10,46-52) e apresenta parábolas nas quais a motivação primeira é a misericórdia (Lc 10,25-37; 15,11-31). Tampouco apresenta interesse e condição que lhe seja alheia, por isso, também, é a última motivação para a *práxis*.

Em sua primariedade e ultimidade, a misericórdia permite conhecer quem Deus é e quem o ser humano é; não podemos nos esquecer de que a misericórdia divina se manifestou definitivamente em seu Filho feito homem, Jesus de Nazaré. A misericórdia não é, portanto, somente conteúdo da ação pastoral, mas método que conduz a ação, que leva à transformação da *realidade*.

O *princípio-misericórdia*, como é chamado por J. Sobrino, orienta a ação pastoral da mesma forma dá norte para a Teologia. A Teologia a partir desse princípio é compreendida como *intellectus misericordiae* (por seu conteúdo bíblico), *intellectus iustitiae* ou *intellectus liberationis* (pelo desafio de ser resposta aos desafios da história) e *intellectus amoris* (por seu conteúdo sistemático), isto é, a inteligência do amor histórico pelos pobres deste mundo (SOBRINO, 1994, p. 71).

A Teologia concebida como *intellectus amoris* é mistagógica: Deus abre seu mistério desde dentro, desde sua prática do amor. O *caminho mistagógico* proposto pelo *intellectus amoris* é um caminhar humildemente com Deus na história (Mq 6,8). A *realidade* se mostra na história como pura gratuidade, algo bom, inesperado e imerecido, é uma Boa Notícia para os povos. Essa irrupção gratuita exige um *intellectus gratiae*.

Levar a sério estas duas coisas [*intellectus amoris* e *intellectus gratiae*] é uma forma de mostrar como a Teologia responde à totalidade da Revelação e da fé. É também uma forma de evitar o que na nossa opinião seria o reducionismo fundamental: uma prática do amor sem gratuidade ou uma gratuidade sem prática do amor. É uma forma de unificar, ao mesmo tempo, a afinidade de Deus e alteridade de Deus. Finalmente, é uma forma de unificar o transcendente com o histórico. (SOBRINO, 1994, p. 80)

A tarefa fundamental da Teologia e da Pastoral é assumir a *realidade* pela *práxis* do amor, da misericórdia. Trata-se do *amor quaerens intellectus* para erradicar as dores da história e transformá-las em alegria (SOBRINO, 1994, p. 74). A *práxis* não tem só uma prioridade cronológica para a Teologia e a Pastoral, mas possui, sobretudo, uma prioridade lógica. Podemos inclusive afirmar que antes de uma *teo-logia* devemos buscar uma *teo-práxis*, não devemos nos ocupar somente com a *orto-doxia*, mas sobretudo com a *orto-práxis*, com a *práxis* misericordiosa e libertadora.

Portanto, a *práxis* é essencial para transformar a *realidade* e superar o divórcio entre as “verdades teológicas” e a própria *realidade*. Já não há mais por que falar de um discurso racional, em sintonia com a Teologia, e um discurso amoroso ou misericordioso, em sintonia com a Pastoral e Espiritualidade.

## CONCLUSÃO

Para a realização de uma ação pastoral devemos, em primeiro lugar, escutar o *Evangelho da realidade*. Toda ação pastoral não pode partir de uma teoria sobre a *realidade*, mas da *realidade* em si. Para tal, está o desafio de apreender a *realidade*, sabendo que toda e qualquer formulação que possamos fazer sobre ela estará muito aquém de sua riqueza. A apreensão da *realidade* é um mero ato, como X. Zubiri apresenta sobretudo em sua *Trilogia da inteligência senciante*. Portanto, não podemos conceber o conhecimento da *realidade* fora da *práxis*; não se trata de uma teoria racional ou de uma ideologia, mas de uma *práxis* comprometida com a *realidade*.

O âmbito da *realidade* que impulsiona a ação pastoral é o Reino de Deus e sua realização entre os pobres do mundo, como insistem I. Ellacuría e J. Sobrino. Logo, a Pastoral não pode ser concebida fora daquelas e daqueles que são as esquecidas e os esquecidos do mundo, ou como o Papa Francisco tem dito em algumas ocasiões, as descartadas e os descartados (EG 53-54). Sua *realidade* lança luz sobre os povos e permite ao mundo conhecer o pecado e a injustiça que mantém a verdade presa, nas palavras de Paulo. Ademais, neles há graça e salvação. Portanto, sua *realidade* não só exige compromisso mediante a *práxis*, ela própria transforma toda aquela e todo aqueles que dela se aproxima.

A maior transformação provocada pela *realidade* dos pobres do mundo é a misericórdia, entendida como *re-ação* primeira e última diante do sofrimento alheio. Não há motivação anterior à misericórdia, por isso é primeira, mas tampouco motivação que lhe seja alheia, logo também é última. A misericórdia, sobretudo em um mundo marcado pelo sofrimento cruel e duradouro das massas empobrecidas se converte em princípio da *práxis* teológica (*teo-práxis*) e pastoral (*orto-práxis*).

## REFERÊNCIAS

- AQUINO JÚNIOR, F. *Teoria teológica. Práxis teológica*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões: Puebla*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1979.
- ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos I*. 1ª ed. San Salvador: UCA, 2000.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em: <www.vatican.va>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- SOBRINO, J. Como fazer Teologia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 21, n. 55, p. 285-303, set/ dez 1989.
- \_\_\_\_\_. *O princípio misericórdia – descer da cruz os povos crucificados*. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Fora dos pobres não há salvação*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ZUBIRI, X., *Inteligência e Realidade*. É Realizações Ed.: São Paulo, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Inteligência e Logos*. É Realizações Ed.: São Paulo, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *Inteligência e Razão*. É Realizações Ed.: São Paulo, 2011c.